

Crise precipitará mudança de ministros

Rubem de Azevedo Lima

Em face do fracasso da política feijão-com-arroz, de combate à inflação, posta em prática pelo ministro Maílson da Nóbrega, da Fazenda, o presidente José Sarney deverá antecipar as modificações que pretendia fazer em sua equipe econômica, no final do ano.

Tal informação foi prestada ao repórter do JBr por um auxiliar direto do presidente da República. Prevê o informante que Sarney troque os ministros dessa área quando voltar de Punta del Este, no Uruguai, para onde viaja dois dias depois de retornar da visita à União Soviética, França e Portugal, nesse domingo, à noite.

Pelo menos algumas opções já estariam feitas para o novo ministério econômico. No lugar do ministro Maílson da Nóbrega ficaria o atual embaixador do Brasil em Washington, Marcílio Marques Moreira. Para Washington iria o secretário-geral do Itamarati, ministro Paulo de Tarso Flecha de Lima. Maílson retornaria ao posto que ocupava em Londres, de onde foi trazido pelo ex-ministro Bresser Pereira: a presidência do European Brazilian Bank, por ele ocupada até abril de 1987. Quanto ao eventual substituto do ministro João Batista de Abreu, no Ministério do Planejamento, o informante esclareceu não dispor de qualquer informação consistente. Mas, no tocante a outras possíveis mudanças, admitiu que o secretário-geral do Ministério da Fazenda, Paulo Ximenes, poderá substituir o atual presidente do Banco Central, Elmo Camões, nesse cargo.

A troca de posições envolvendo Marcílio Marques Moreira e Flecha de Lima teria duas explicações. Em primeiro lugar, Marcílio é considerado um bom "expert" em assuntos econômicos e financeiros. Além disso, sua conduta em Washington, face às retaliações norteamericanas contra o Brasil, foi considerada pouco afirmativa. O trabalho desenvolvido por Marcílio, nos Estados Unidos — a juiz do Governo (conforme esclareceu o informante) — foi valioso para abrir o mercado americano a diversos produtos brasileiros, mas não teve o mesmo rendimento para neutralizar, em tempo, a política de retaliações econômicas adotadas pelo governo Ronald Reagan. Já o secretário-geral do Itamarati, nesse particular, foi de grande firmeza. De acordo com a fonte do JBr, "cada um dos dois passaria a ocupar o lugar certo e de interesse do governo Sarney".

Antes de viajar para a Europa, o presidente Sarney teve dois ou três importantes encontros políticos. Num deles, quando o governo ainda comemorava, pouco depois do final de setembro, a queda relativa da inflação, nesse mês, em relação a agosto (de quase 25% para pouco mais de 24%) um dos interlocutores do presidente o advertiu para a gravidade da situação econômica brasileira.

"O senhor — disse-lhe o interlocutor — está se acostumando à inflação acima dos 20% ao mês. Hoje (começo de outubro) está satisfeito com 24%, depois vai conformar-se com 27% e em seguida, com 30% até chegarmos a 35% em dezembro". "Isso, nunca" — reagiu o presidente, de acordo com o relato da fonte, feito ao JBr. "Mais de 30% é hiperinflação e não podemos, nem eu aceitarei, que o Brasil entre por esse caminho".

Nesse diálogo, admitiu que o recrudescimento do processo inflacionária o levaria a agir com a maior firmeza possível. Depois dessa conversa, o mesmo informante revelou ter sabido que Sarney continuava cético quanto às previsões pessimistas, sobre a política de combate à inflação. A um líder político com o qual costuma trocar confidências, Sarney chegou mesmo a afirmar que "os índices da inflação estavam sendo manipulados, psicológica e politicamente pelas esquerdas radicais, para aumentar a inquietação social no País".

Na antevéspera da viagem à Europa, no entanto, o presidente da República reconheceu que a política de combate à inflação, conhecida como política do feijão-com-arroz, estava impotente, contra a especulação financeira. Nesse momento, com base em comentários anteriores do presidente, o informante do JBr ficou convencido de que Sarney não esperaria até o final do ano.

Ontem, no final da tarde, o clima de nervosismo político e de apreensões econômicas, levou o presidente da República em exercício, deputado Ulysses Guimarães, a telefonar para o presidente do Senado e do Congresso, senador Humberto Lucena, a fim de esclarecer se o senador peemedebista havia preconizado a queda de todo o ministério Sarney. Na realidade, minutos antes, em entrevista a alguns repórteres políticos, Lucena havia declarado que o País poderia enfrentar graves dificuldades, se não se fizesse o pacto social, entre empresários e trabalhadores, para enfrentar a atual crise econômica.



Arquivo 30.3.88



Ivaldo Cavalcante 6.10.88

Marcílio pode ir para a Fazenda, Flecha de Lima para Washington e Maílson volta a Londres